


ATITUDES LINGUÍSTICAS EM RELAÇÃO AO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA PLURICÊNTRICA BASEADA EM TESTE DE REAÇÃO SUBJETIVA: O PÚBLICO UNIVERSITÁRIO CHINÊS DE PLE*

Hanzi Zhang**

 <http://orcid.org/0000-0001-8344-734X>

Como citar este artigo: ZHANG, H. Atitudes linguísticas em relação ao português como língua pluricêntrica baseada em Teste de Reação Subjetiva: o público universitário chinês de PLE. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 1-15, maio/ago. 2023. DOI 10.5935/1980-6914/eLETDO16146

Submissão: maio de 2023. **Aceite:** julho de 2023.

Resumo: Perante o pluricentrismo que caracteriza a língua portuguesa, apresentam-se o estudo, assim como a avaliação, sobre as atitudes linguísticas do público-alvo chinês, relativamente a diferentes variedades da língua portuguesa. Por meio da aplicação de um questionário, baseado em Teste de Reação Subjetiva, a presente investigação chegou a identificar as atitudes linguísticas do público, ajudando-o a ter a consciência de suas atitudes preconceituosas, de maneira a abrir caminhos para cultivar atitudes mais abertas no futuro.

Palavras-chave: Atitudes linguísticas. Língua portuguesa. Variedades. Público universitário chinês. Teste de Reação Subjetiva.

* Este artigo foi realizado no âmbito do projeto TJYYQN20-006, "Desenvolvimento de Competências Interculturais para as Línguas não Comuns em Comunidade de Aprendizagem", financiado pela Câmara Municipal de Tianjin.

** Universidade Jiaotong do Leste da China, Nanchang, Jiangxi, China. E-mail: zhang.hanzi@yahoo.com

INTRODUÇÃO

■ **A**s atitudes linguísticas referem-se às avaliações positivas ou negativas em relação a determinada variedade linguística. Segundo Gao e Xu (2015, p. 850, tradução nossa), “as atitudes linguísticas são conceituadas como uma manifestação de atitudes para com os falantes de certa variedade linguística, ou seja, os estereótipos sobre certo grupo”¹. Desse modo, a questão também pode ser traduzida em questões de pertença ou de identidade. As nossas atitudes conservadoras e negativas em relação aos outros são produzidas pela moldura de referência cultural do etnocentrismo: as pessoas internalizam as normas culturais de seu próprio grupo étnico durante a socialização e habitualmente usam sua moldura de referência cultural para interpretar o comportamento dos outros. Quando confrontados com algo que não se conforma às suas normas culturais, as pessoas geralmente se sentem desconfortáveis e fazem avaliações negativas da outra pessoa como “anormal” (Snow, 2015).

Gao *et al.* (2021) propõem a seguinte reflexão, diante das pesquisas no contexto de ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira (LE): os aprendentes de LE geralmente evoluem uma preferência às variedades “padrão”, enquanto possuem as considerações menos positivas em termos das outras variedades “não padrão”. No entanto, no contexto de ensino-aprendizagem de Português como Língua Estrangeira (PLE), tais atitudes/sentimentos/emoções poderiam prejudicar significativamente a comunicação intercultural entre os aprendentes e os falantes nativos da língua portuguesa. Porém, neste momento, tanto na China continental como nos países lusófonos, a mesma questão não está a ser devidamente investigada no campo acadêmico como nas práticas pedagógicas.

Em face da discussão aquentada em torno do pluricentrismo linguístico do português, apresenta-se uma investigação visando à reflexão sobre as atitudes linguísticas do público universitário chinês de PLE, relativamente a variedades da língua portuguesa. Por meio de um questionário adaptado, partindo do Teste de Reação Subjetiva, a investigação pretende traçar a posição do público nesta área, ajudando os professores e alunos a se conscientizarem dos estereótipos e preconceitos, de maneira que sejam abertos caminhos para cultivar atitudes mais abertas no futuro.

ATITUDES LINGUÍSTICAS

O estudo das atitudes linguísticas constitui um aspeto importante da Sociolinguística e uma das subáreas na pesquisa de atitudes na Psicologia Social. As atitudes referem-se a “orientações cognitivas, afetivas e comportamentais, aprendidas para responder de uma maneira particular a um indivíduo (ou um objeto)”² (Allport *apud* Garrett, 2010, p. 19, tradução nossa). As atitudes linguísticas, por sua vez, referem-se às avaliações, positivas ou negativas, de uma variedade linguística particular, incluindo também orientações cognitivas, afetivas

1 No original: “对语言的态度即对讲这种语言变体的群体成员的态度，也即群体的刻板印象。”

2 No original: “a learned disposition to think, feel and behave toward a person (or object) in a particular way”.

e comportamentais. Segundo o aprofundamento de Garrett, Coupland e Williams (2003), os três principais elementos das atitudes linguísticas são: o cognitivo (as crenças e os estereótipos), o afetivo (as apreciações e avaliações) e o comportamental (qualquer tipo de reação do indivíduo). Nesse caso, as atitudes em si são posturas em relação ao grupo de falantes que usa essa variedade linguística em particular. Nos estudos de Psicologia Social, as atitudes linguísticas são o tópico que muitas vezes faz parte da identidade social, do estereótipo e das relações intergrupais. Nos estudos da Sociolinguística, as atitudes linguísticas estão ligadas ao uso de língua, à identidade linguística, bem como à motivação para aprendizagem de línguas, entre outros. A pesquisa em torno delas, desde a década de 1960, tornou-se um campo em que prosperam as publicações.

Para averiguar as atitudes linguísticas, as metodologias de investigação podem ser classificadas em três categorias: a abordagem do tratamento social, a abordagem direta e a indireta (Garrett, 2010; Soukup, 2012). A abordagem do tratamento social refere-se à efetuação de análises de documentos/discursos reais na sociedade, como o uso de “análise do discurso”, revelando assim as atitudes linguísticas. Geralmente qualitativo, esse tipo de metodologia tem uma base em uso real e em contextualização social. O que é analisado também pode ser mais abrangente, evidenciando a diversidade, a complexidade e a variabilidade das atitudes linguísticas.

Na abordagem direta, os pesquisadores, geralmente por meio de entrevistas e/ou questionários, perguntam diretamente aos falantes sobre as suas avaliações e tendências em relação a uma determinada língua, exigindo que eles expressem suas atitudes de forma clara. As metodologias dessa abordagem são simples e fáceis de implementar, mas as desvantagens não são poucas: as perguntas hipotéticas tornam difícil de entender as atitudes em situações reais; as respostas facilmente seguem as expectativas sociais, e o próprio perfil de pesquisador, como gênero ou nacionalidade, pode influenciar as respostas dos participantes.

Os métodos da abordagem indireta orientam os participantes a projetar suas atitudes em materiais experimentais, sem informá-los sobre o verdadeiro propósito de investigação. A consequência disso é a avaliação das reações subjetivas. A técnica representativa da abordagem indireta é a chamada *matched-guise* (estímulos pareados, designada por MGT, abreviatura em inglês), criada por Lambert *et al.* (1960), na qual são efetuados diferentes testes de gravação, e os participantes são solicitados a avaliar as gravações com base em suas impressões. Na avaliação de atitudes, recorre-se à “escala diferencial semântica”, com adjetivos opostos como dois pontos extremos do eixo horizontal. Por meio da revisão literária, “*status*” (poder), “afinidade” (igualdade) e “vitalidade” (expressividade, individualidade) têm sido citados como dimensões mais comuns. A vantagem da MGT é que ela faz excluir a influência das expectativas sociais e chega a obter estereótipos verdadeiros. As variáveis no desenho de testes são estritamente controladas, e o método quantitativo também faz com que as pesquisas sejam fáceis de replicar e comparar. Uma alternativa da MGT é a técnica *verbal guise* ou o Teste de Reação Subjetiva, em que são lidos os materiais de estímulo de cada variedade de língua por pessoas diferentes. A técnica é principalmente utilizada em situações em que é difícil encontrar a mesma pessoa para “match” diferentes variedades.

LÍNGUA PORTUGUESA PLURICÊNTRICA

O português é uma língua reconhecidamente pluricêntrica (Baxter, 1992). As línguas pluricêntricas são aquelas que possuem múltiplos centros de referência, ou seja, várias variedades linguísticas reconhecidas como padrões legítimos. Dessa forma, definidas não apenas por uma única norma linguística, as línguas pluricêntricas advogam múltiplas normas que são igualmente aceitas e influenciam a forma como elas são faladas e escritas em diferentes contextos. Relacionado a esse ponto, as variedades linguísticas, naturalmente, são associadas a diferentes regiões geográficas, grupos sociais, histórias culturais ou políticas, o que leva a presumir uma diversidade cultural e linguística. Ademais, essa riqueza, devidamente valorizada, pode se traduzir em capacidade de unir e conectar pessoas de diferentes origens e tradições.

Por conseguinte, o ensino-aprendizagem de línguas pluricêntricas é de extrema importância para o desenvolvimento da competência plurilíngue e intercultural dos aprendentes, conforme destacado pelo “Quadro europeu comum de referência para as línguas” (Conselho da Europa, 2001). Isso deve-se ao fato de que a aprendizagem de diferentes variedades linguísticas e o contato com distintas culturas ampliam a experiência dos aprendentes, o que é fundamental para a formação de indivíduos capazes de se comunicar efetivamente em contextos interculturais, valorizando e compreendendo as diferenças culturais e linguísticas.

Entretanto, o português também é uma das poucas línguas que contém as características de pluricentrismo simétrico, compartilhado apenas pelo árabe (Clyne, 1992). Essa simetria deve-se à igualdade de peso linguístico entre Portugal e o Brasil. A predominância de Portugal e do Brasil como dois centros linguísticos, políticos e econômicos tem dificultado a inclusão dos demais países lusófonos, resultando em uma gestão pluricêntrica bilateral do português (Albuquerque, 2022). As relações entre as diferentes variedades nacionais da língua portuguesa são frequentemente marcadas por um fenômeno de “isolamento (ou mesmo apagamento simbólico) das outras variedades não-dominantes ou periféricas, dos demais países de língua oficial portuguesa, como os Países Africanos de Língua Portuguesa – Palop e Timor-Leste” (Mendes *et al.*, 2022, p. 330). Esta marginalização linguística pode ser interpretada como um reflexo de assimetrias sociais e políticas, bem como da história colonial e pós-colonial que influenciou o desenvolvimento da língua portuguesa em diferentes partes do mundo.

A situação não facilita de jeito nenhum aos aprendentes da língua pelos fatos de

[...] o desenvolvimento de dicionários e gramáticas de referência e o consequente aumento de codificação das normas padrão de Portugal e do Brasil; a pouca cooperação entre as duas normas; a normatização divergente das duas variedades nacionais; [...] (Silva, 2017, p. 321).

A tendência de desigualdade entre as variedades é especialmente preocupante quando consideramos a importância do multilinguismo e da diversidade linguística para a promoção do ensino-aprendizagem de Português Língua Pluricêntrica (PLP), da justiça social, da inclusão e da comunicação intercultural. Nesse sentido, é necessário promover esforços significativos para reconhecer e

valorizar as diversas variedades do português e fomentar o diálogo intercultural não só entre as diferentes comunidades linguísticas dos países lusófonos, mas também entre elas e o público de aprendentes de PLE.

Neste momento, a situação tem originado perspectivas e atitudes diversas em relação a variedades do português, no espaço dos países lusófonos. Pelo *corpus* recolhido, Silva (2017) identifica quatro atitudes linguísticas sobre o Português Europeu (doravante designado por PE) e o Português Brasileiro (doravante designado por PB), nomeadamente, a atitude romântica convergente, a atitude romântica divergente, a atitude racionalista convergente e a atitude racionalista divergente. Seguindo esse raciocínio, Albuquerque (2022) aborda as atitudes linguísticas dos universitários leste-timorenses em relação ao português, e os resultados da pesquisa indicam que esse grupo possui uma atitude romântica convergente, considerando apenas a norma europeia de português como o verdadeiro padrão, vista de forma positiva e associada com valores também positivos. O estudo pretende, dessa maneira, conscientizar sobre o preconceito linguístico e a desvalorização da própria língua falada no território, apesar de ainda ser uma em construção. Ponso (2016), na discussão sobre como os jovens estudantes de Maputo observam as línguas autóctones moçambicanas e o português, identifica as atitudes positivas dos falantes moçambicanos em relação ao Português moçambicano. No que se diz respeito ao contexto do Brasil, os falantes brasileiros tendem a apresentar as atitudes românticas, tanto convergentes, idealizando a norma do PB com o estatuto de PE, quanto divergentes, desejando a separação total entre o PB e o PE. Também foram observadas atitudes preconceituosas em relação às línguas faladas em regiões de fronteira, no caso da fronteira do Brasil com o Paraguai, e até mesmo em relação às variedades linguísticas de outros grupos étnicos (Sella; Aguilera; Corbari, 2018). No espaço de Macau, como uma Região Administrativa Especial da China, foi conduzida uma pesquisa (Mann; Wong, 1999) sobre as atitudes linguísticas entre estudantes universitários em Macau, por ocasião do seu retorno à China. A maioria dos entrevistados considerou o cantonês como a língua mais popular, seguida pelo inglês e o mandarim, opondo-se ao português como língua dominante em Macau.

Variam-se as perspectivas em função do tempo e do espaço. O tópico tem gerado muitas discussões, e daí também nasceram muitas controvérsias. Tomando sempre em conta as competências linguísticas e interculturais do público universitário chinês, com quem trabalhamos todos os dias, e estando conscientes de que a evolução das suas competências depende, em grande medida, das atitudes em termos de diferentes variedades do português, este estudo pretende averiguar a situação no contexto chinês por meio de um método quantitativo, com recurso ao Teste de Reação Subjetiva. A intenção reside em promover a percepção das atitudes linguísticas do público por meio da avaliação, e eventualmente fortalecer a comunicação intercultural entre a China e os países lusófonos.

METODOLOGIA

Adota-se aqui o método quantitativo, que se enquadra na abordagem indireta, nesse caso, o Teste de Reação Subjetiva. O estudo utiliza como material de estímulo os áudios com cinco variedades do português, baseados em um mesmo

texto de 89 palavras – “Corpo de Válvula” – e produzidos por cinco falantes nativos dos países lusófonos. Os falantes são, respetivamente, do Brasil, com 33 anos, de Angola, com 52 anos, de Portugal, com 31 anos, do Timor-Leste, com 26 anos e de Cabo Verde, com 30 anos. Depois da audição, solicitou-se aos alunos que respondessem em relação à nacionalidade, à idade e à profissão de cada falante. Os alunos também necessitavam fazer uma avaliação sobre as impressões e características em torno de um determinado falante em uma escala enquanto ouviam. A escala de avaliação de atitudes constitui um questionário para alunos que, seguindo o estudo de Xu, Wang e Case (2010), consiste em três dimensões, cada uma composta por cinco adjetivos: 1. *status* social (doravante designada por STA e composta por adjetivos: confiante, elegante, inteligente, educado, com sucesso); 2. personalidade social (doravante designada por PER e composta por adjetivos: aberto, agradável, dinâmico, sociável, confiável); 3. qualidades relacionadas com a língua (doravante designada por LIN e composta por adjetivos: bonito, claro, correto, fluente, compreensível). Cada adjetivo é classificado em cinco níveis, de acordo com o grau de aplicabilidade.

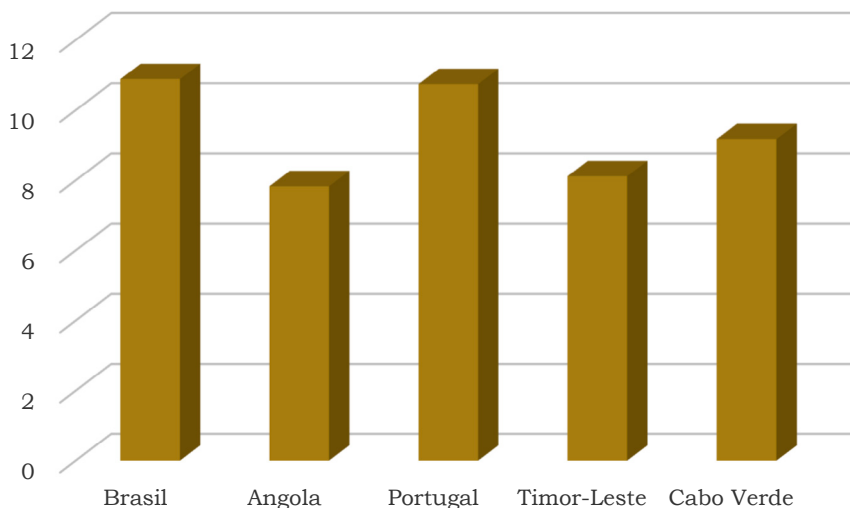
LEITURA DE DADOS

No que se diz respeito à fiabilidade do instrumento, verifica-se que o alfa de *Cronbach* global do questionário, constituído por 15 itens, que são formulados concisamente, é de 0,889, enquanto a consistência interna das três dimensões também se encontra num nível satisfatório, com os respetivos valores de 0,828 (STA), de 0,841 (PER) e de 0,742 (LIN). Os dados foram analisados no programa SPSS, versão 26.0, para a análise descritiva e a inferencial. Na análise comparada de diferenças entre as variedades do português, foi recorrido o teste estatístico de *one-way ANOVA*.

No Gráfico 1 e na Tabela 1, apresentamos a avaliação de atitudes linguísticas (doravante designadas por AL) do conjunto amostral ($N = 36$) em relação a cinco variedades, ou seja, a soma das médias de pontuação em três dimensões de cada variedade. Percebe-se agora uma visível valorização do PB (10,89) e do PE (10,74), em comparação com o português de Angola (7,83) e com o português do Timor-Leste (8,12). A pontuação do português de Cabo Verde situa-se num nível médio (9,18).

Relativamente à avaliação sobre as respetivas três dimensões, pôde-se constatar uma aproximação entre o PB e o PE na dimensão STA. Ainda se revela, na dimensão PER, um abeiramento entre o PB, o de Angola e o de Cabo Verde. Porém, a significância estatística dessas diferenças e tendências ainda fica por confirmar, pedindo uma sustentação credível em articulação com os resultados de análise inferencial.

Gráfico 1 – Avaliação global de AL por variedade



Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 1 – Avaliação global de AL por variedade

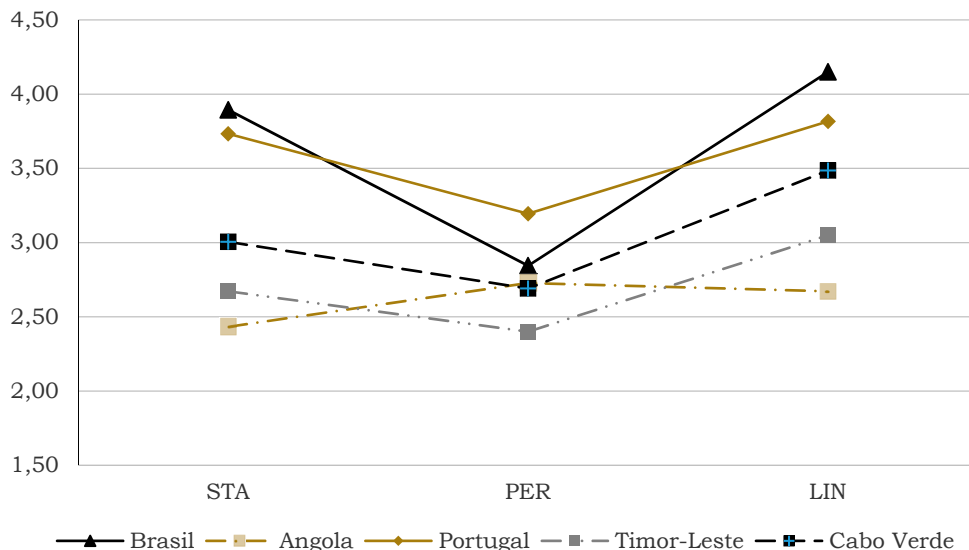
Brasil	Angola	Portugal	Timor-Leste	Cabo Verde
10,89	7,83	10,74	8,12	9,18

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 2 – Avaliação de três dimensões de AL por variedade

	Brasil	Angola	Portugal	Timor-Leste	Cabo Verde
STA	3,89	2,43	3,73	2,67	3,01
PER	2,84	2,73	3,19	2,40	2,69
LIN	4,15	2,67	3,82	3,05	3,49

Fonte: Elaborada pela autora.

Gráfico 2 – Avaliação de três dimensões de AL por variedade

Fonte: Elaborado pela autora.

Aprofundando mais a nossa análise, para verificar as diferenças significativas entre as cinco variedades em cada dimensão, o estudo aplicou análise *one-way ANOVA* e teste *post-hoc Scheffe*. Antes disso, foram realizadas, em cada dimensão, as análises estatísticas descritivas das cinco variedades (Tabela 3) e os testes de homogeneidade de variância *Levene* (Tabela 4). A Tabela 4 apresenta os resultados do teste de homogeneidade de variância *Levene*, em que se pode observar que os níveis de significância (p-valor) para as dimensões de STA e PER são, respectivamente, de 0,108 e 0,172, ambos maiores que 0,05, indicando que as variedades têm igualdade de variâncias nessas duas dimensões e satisfazendo a suposição de homogeneidade de variâncias. No entanto, o p-valor para a dimensão de LIN é de 0,000, menor que 0,05, o que viola a suposição hipotética de homogeneidade. Portanto, o estudo optou por conduzir um teste robusto para a igualdade de médias (Tabela 5) e um teste de variâncias (Tabela 6). A Tabela 5 mostra que o p-valor para a dimensão de LIN é de 0,000, menor que o nível alfa de 0,05, apontando que há diferenças significativas entre as médias de LIN entre as cinco variedades. A Tabela 6 mostra que o valor F para a dimensão de STA é de 22,746, com o p-valor de 0,000, menor que o nível alfa de 0,05, e o valor F para a dimensão de PER é de 3,924, com o p-valor de 0,004, também menor que o nível alfa de 0,05, indicando que há diferenças significativas entre as médias dessas duas dimensões entre as cinco variedades.

Tabela 3 – Análises estatísticas descritivas das cinco variedades

		N	M	Desvio padrão	Erro padrão	Intervalo de confiança 95% para média		Mín	Máx
						Lower Bound	Upper Bound		
STA	Brasil	36	3,894	0,7227	0,1204	3,65	4,139	2,4	5
	Angola	36	2,433	0,7582	0,1264	2,177	2,69	1	3,8
	Portugal	36	3,733	0,9121	0,152	3,425	4,042	2,2	5
	Timor-Leste	36	2,672	0,9248	0,1541	2,359	2,985	1	4,6
	Cabo Verde	35	3,006	0,6987	0,1181	2,766	3,246	1,4	4,2
	Total	179	3,149	0,9878	0,0738	3,003	3,294	1	5
PER	Brasil	36	2,844	0,9047	0,1508	2,538	3,151	1,2	5
	Angola	36	2,728	0,8228	0,1371	2,449	3,006	1	4,4
	Portugal	36	3,194	1,0136	0,1689	2,851	3,537	1,4	4,8
	Timor-Leste	36	2,4	0,8512	0,1419	2,112	2,688	1	4
	Cabo Verde	35	2,691	0,7314	0,1236	2,44	2,943	1	3,8
	Total	179	2,772	0,8986	0,0672	2,64	2,905	1	5
LIN	Brasil	36	4,15	0,6331	0,1055	3,936	4,364	3	5
	Angola	36	2,672	0,73	0,1217	2,425	2,919	1	4
	Portugal	36	3,817	1,0587	0,1765	3,458	4,175	1,8	5
	Timor-Leste	36	3,05	0,8936	0,1489	2,748	3,352	1,4	5
	Cabo Verde	35	3,486	0,6064	0,1025	3,277	3,694	2,4	4,8
	Total	179	3,435	0,9551	0,0714	3,294	3,576	1	5

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 4 – Análises com teste de homogeneidade de variância *Levene*

	<i>Levene Statistic</i>	<i>df1</i>	<i>df2</i>	<i>Sig.</i>
STA	1,925	4	174	0,108
PER	1,617	4	174	0,172
LIN	6,18	4	174	0,000

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 5 – Análises com teste robusto para a igualdade de médias

		Statistic*	df1	df2	Sig.
STA	<i>Welch</i>	23,505	4	86,79	0
	<i>Brown-Forsythe</i>	22,788	4	165,06	0
PER	<i>Welch</i>	3,329	4	86,843	0,014
	<i>Brown-Forsythe</i>	3,932	4	166,82	0,004
LIN	<i>Welch</i>	23,543	4	86,352	0
	<i>Brown-Forsythe</i>	19,424	4	146,654	0

* *Asymptotically F distributed.*

Fonte: Elaborada pela autora.

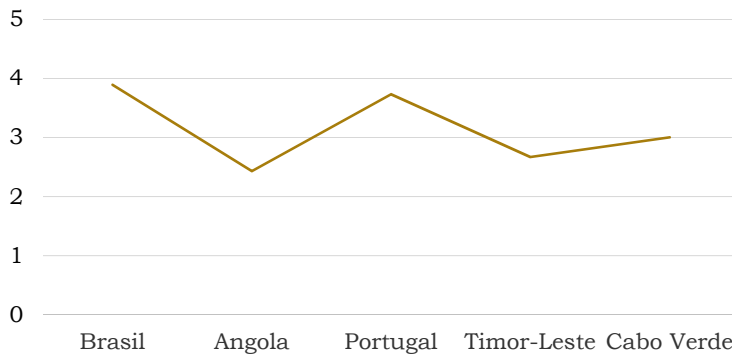
Tabela 6 – Análises com teste de variâncias de *one-way ANOVA*

		Soma dos quadrados	df	Quadrado de M	F	Sig.
STA	Intergrupos	59,637	4	14,909	22,746	0
	Intragrupos	114,05	174	0,655		
	Total	173,687	178			
PER	Intergrupos	11,893	4	2,973	3,924	0,004
	Intragrupos	131,847	174	0,758		
	Total	143,74	178			
LIN	Intergrupos	50,02	4	12,505	19,364	0
	Intragrupos	112,365	174	0,646		
	Total	162,385	178			

Fonte: Elaborada pela autora.

Na dimensão STA (Gráfico 3), não se identifica a diferença significativa na avaliação dos inquiridos entre o PB e o PE, nem entre o português de Angola e o português de Timor-Leste e o de Cabo Verde, nem entre o português de Timor-Leste e o de Cabo Verde ($p > 0,05$). São significativas as diferenças entre o PB ($M = 3,894$, $DP = 0,7227$) e o português de Angola ($M = 2,433$, $DP = 0,7582$), o português de Timor-Leste ($M = 2,672$, $DP = 0,9248$), o português de Cabo Verde ($M = 3,006$, $DP = 0,6987$); também se podem observar as diferenças significativas entre o PE ($M = 3,733$, $DP = 0,9121$) e o português de Angola ($M = 2,433$, $DP = 0,7582$), o português de Timor-Leste ($M = 2,672$, $DP = 0,9248$), o português de Cabo Verde ($M = 3,006$, $DP = 0,6987$).

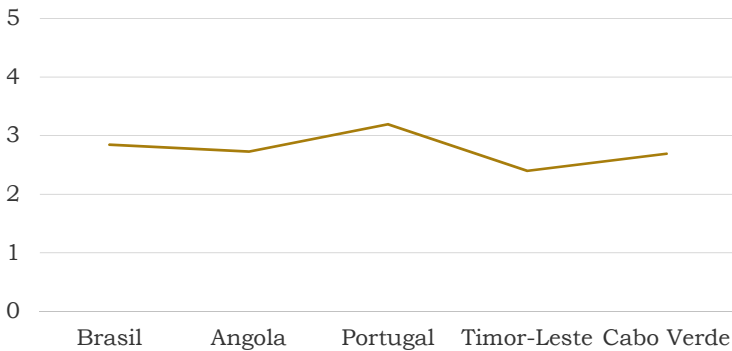
Gráfico 3 – Avaliações por variedade na dimensão STA



Fonte: Elaborado pela autora.

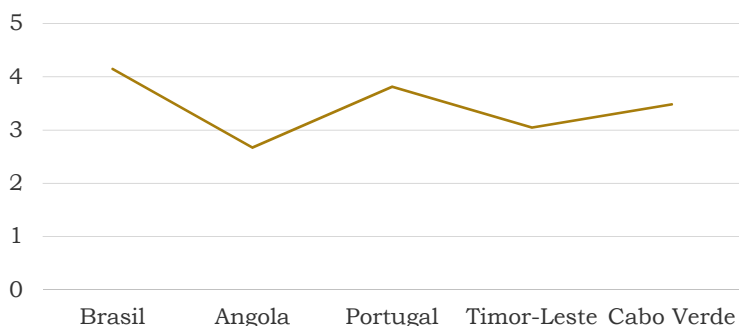
Na dimensão PER (Gráfico 4), a análise indica que são significativamente diferentes as pontuações da avaliação entre o PE (M = 3,194, DP = 1,0136) e o português de Timor-Leste (M = 2,4000, DP = 0,8512), enquanto não existe diferença significativa entre as demais avaliações.

Gráfico 4 – Avaliações por variedade na dimensão PER



Fonte: Elaborado pela autora.

Na dimensão LIN (Gráfico 5), os inquiridos não demonstram as diferenças significativas na avaliação entre o PB e o PE, entre o português de Angola e o português de Timor-Leste, o PE, o português de Cabo Verde, bem como entre o português de Timor-Leste e o português de Cabo Verde ($p > 0,05$). A leitura dos dados aponta, porém, diferenças significativas na pontuação entre o PB (M = 4,150, DP = 0,6331) e o português de Angola (M = 2,672, DP = 0,7300), o português de Timor-Leste (M = 3,050, DP = 0,8936), o português de Cabo Verde (M = 3,486, DP = 0,6064); diferenças significativas também se apresentam entre o português de Angola (M = 2,672, DP = 0,7300) e o PE (M = 3,817, DP = 1,0587), o português de Cabo Verde (M = 3,486, DP = 0,6064); bem como diferenças entre o PE (M = 3,817, DP = 1,0587) e o português de Timor-Leste (M = 3,050, DP = 0,8936).

Gráfico 5 – Avaliações por variedade na dimensão LIN

Fonte: Elaborado pela autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dos resultados das análises quantitativas, podem-se concluir as tendências seguintes. Em primeiro lugar, de forma geral, os inquiridos universitários chineses têm a avaliação relativamente alta para com as variedades dos PB e PE, ou seja, as atitudes linguísticas mais positivas para com essas duas normas, enquanto possuem uma avaliação relativamente menos positiva para com as variedades do português de Angola, de Cabo Verde e do Timor-Leste. Na literatura, o resultado faz eco com as investigações no campo de variedades da língua inglesa. Apesar de variedades como “*World Englishes*”, “*English as an International Language, EIL*”, “*English as Lingua Franca, ELF*”, “*Global Englishes*” etc. (Jenkins, 2007) terem quebrado a posição hegemônica do inglês britânico e do americano, permanecem mais positivas as atitudes em relação a esses dois últimos padrões (Kaur, 2014; Saito, 2014). Porém, estudos de tempos recentes chegaram a revelar a complexidade na área e, sobretudo, a possibilidade de serem aceitas as variedades não padrão (Gao; Xu, 2015). Por outro lado, os estudos com o público universitário chinês também apontam semelhante valorização do inglês britânico e do americano (Gao; Xu, 2015), duas normas mais predominantes no ensino de inglês no contexto chinês.

Em segundo lugar e mais concretamente, na dimensão STA e na LIN, mantém-se a tendência acima. Apesar de não existirem diferenças significativas entre as duas normas predominantes do português, as avaliações dessas últimas são consideradas mais significativas positivas do que as outras três variedades, enquanto a dimensão PER não ostenta grandes variações entre as variedades. O ensino-aprendizagem de PLE, seja no contexto chinês, seja nos outros, desde há muito tempo defende que os aprendentes se devam esforçar para se aproximar do “falante nativo” do português. Porém, esse “falante nativo” tem o perfil de falar ou o PE ou o PB, autêntico e fluentemente. Além disso, por meio da mídia ou das redes sociais, produtos culturais como os programas televisivos, os filmes e as músicas populares do Brasil e do Portugal são amplamente divulgados entre os aprendentes de PLE. Tudo isso, influenciado pelo ambiente educacional e social, faz com que os alunos internalizem a ideia de que a cultura brasileira e a portuguesa possuem uma posição privilegiada, e que os falantes bem-educados

e de alta posição social devem falar português bonito, claro, correto, fluente e compreensível. Os sotaques de outras variedades, na concepção deles, são os sinónimos de um nível educacional e de uma posição social relativamente mais baixos. Dessa forma, o pouco conhecimento das variedades “não padrão” do português pode se traduzir em uma atitude conservadora em termos dessa língua e, conseqüentemente, motivar os preconceitos culturais. A avaliação comparativamente negativa dessas variedades “não padrão” está em consonância com os estudos anteriores (Albuquerque, 2022) e reflete a compreensão limitada da posição do português como língua pluricêntrica, bem como a riqueza cultural que esta traz para o ensino-aprendizagem dessa língua, o que prejudica o desenvolvimento das competências plurilíngue e intercultural do público universitário chinês, cuja importância já foi abordada anteriormente.

Assim, o presente estudo sugere mais meios de suporte que advoguem o PLP, desde os manuais que oferecem maior exposição a diferentes variedades até a construção de programas mais inclusivos e constantemente em adaptação. A questão em causa também coloca requisitos mais altos para os docentes chineses de PLE, que, desde já, não só precisam estar familiarizados com as variedades do português, desenvolvendo gradualmente uma atitude aberta nesse sentido, mas também ter uma percepção das lutas cognitivas e emocionais dos alunos no processo de formação de novas atitudes linguísticas. Ademais, os próprios docentes também podem ter preconceitos e suas próprias atitudes linguísticas. Nesse sentido, manter-se neutro ajuda a favorecer a liberdade dos alunos para compartilhar as suas visões ou experiências, em outras palavras, ajuda a criar um ambiente seguro, onde os alunos possam cultivar atitudes mais abertas.

LANGUAGE ATTITUDES TOWARDS PORTUGUESE AS A PLURICENTRIC LANGUAGE BASED ON SUBJECTIVE REACTION TEST: THE CHINESE COLLEGE STUDENTS OF PFL

Abstract: Given the pluricentric features of Portuguese language, this study presents an evaluation of language attitudes among the Chinese students towards different varieties of Portuguese. Through the application of a questionnaire based on the Subjective Reaction Test, the research successfully identified the language attitudes of the participants, thereby raising awareness of their prejudiced attitudes. The findings of this study aim to pave the way for fostering open-minded attitudes in the future.

Keywords: Language attitudes. Portuguese language. Varieties. Chinese college students. Subjective Reaction Test.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, D. O português como língua pluricêntrica e as atitudes linguísticas de falantes em Timor-Leste. *Caderno Seminal*, Rio de Janeiro, n. 42, p. 326-360, 2022. DOI 10.12957/seminal.2022.64435
- BAXTER, A. N. Portuguese as a pluricentric language. In: CLYNE, M. (org.). *Pluricentric languages: differing norms in different nations*. Berlin: De Gruyter Mouton, 1992. p. 11-44. DOI 10.1515/9783110888140.11

CLYNE, M. (org.). *Pluricentric languages: differing norms in different nations*. Berlin: De Gruyter Mouton, 1992.

CONSELHO DA EUROPA. *Quadro europeu comum de referência para as línguas: aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto: Asa, 2001.

GAO, Y. H.; XU, H. C. Research on attitudes towards varieties of English: a review. *Foreign Language Teaching and Research*, Beijing, n. 6, p. 850-860, 2015.

GAO, Y. H. *et al.* *Language attitudes and identities among Chinese users of English: focusing on intercultural volunteers of international events*. Beijing: Peking University Press, 2021.

GARRETT, P. *Attitudes to language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

GARRETT, P.; COUPLAND, N.; WILLIAMS, A. *Investigating language attitudes: social meanings of dialect, ethnicity and performance*. Cardiff: University of Wales Press, 2003.

JENKINS, J. *English as a lingua franca: attitudes and identity*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

KAUR, P. Attitudes towards English as a lingua franca. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, Oxford, v. 118, p. 214-221, mar. 2014. DOI 10.1016/j.sbspro.2014.02.029

LAMBERT, W. E. *et al.* Evaluational reactions to spoken languages. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, v. 60, n. 1, p. 44-51, 1960. DOI 10.1037/h0044430

MANN, C. C.; WONG, G. Issues in language planning and language education: a survey from Macao on its return to Chinese sovereignty. *Language Problems and Language Planning*, v. 23, n. 1, p. 17-36, 1999.

MENDES, E. *et al.* Apresentação dossiê pluricentrismo linguístico do português: perspectivas para o ensino e a formação de professore(a)s. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 73, p. 328-337, jan./jun. 2022.

PONSO, L. C. O contato entre o português e as línguas bantu em Moçambique: a alternância de atitudes sobre o estatuto social das línguas em jovens universitários. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, v. 26, n. 53, p. 121-144, 2016.

SAITO, A. Is English a nuisance or an asset? Japanese youths' discursive constructions of language attitudes. *System*, Oxford, v. 44, p. 13-23, 2014. DOI 10.1016/j.system.2014.02.001

SELLA, A. F.; AGUILERA, V. de A.; CORBARI, C. C. Reflexões sobre atitudes linguísticas em espaço de línguas em contato: o contexto de fronteira. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 3170-3179, 2018.

SILVA, A. S. D. Modelos cognitivos da lusofonia: romantismo e racionalismo nas políticas de língua e comunicação de unidade/diversidade do português europeu e brasileiro. In: MARTINS, M. D. L. (org.). *A internacionalização das comunidades lusófonas e ibero-americanas de ciências sociais e humanas: o caso das ciências da comunicação*. Famalicão: Edições Húmus, 2017. p. 319-335.

SNOW, D. English teaching, intercultural competence, and critical incident exercises. *Language and Intercultural Communication*, Abingdon, v. 15, n. 2, p. 285-299, 2015.

SOUKUP, B. Current issues in the social psychological study of 'language attitudes': constructionism, context, and the attitude – behavior link. *Language and Linguistics Compass*, v. 6, n. 4, p. 212-224, 2012. DOI 10.1002/lnc3.332

XU, W.; WANG, Y.; CASE, R. E. Chinese attitudes towards varieties of English: a pre-Olympic examination. *Language Awareness*, Abingdon, v. 19, n. 4, p. 249-260, 2010. DOI 10.1080/09658416.2010.508528